

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL¹

Douglas Roberto de Almeida Baptista²

RESUMO

Neste artigo resgatamos os antecedentes históricos do movimento pentecostal na Igreja cristã. A começar pelo Pentecostes, no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, apresentamos um panorama dos movimentos de avivamento de maior relevância que impactaram os cristãos. Movimentos como montanismo, pietismo, puritanismo e metodismo são abordados de modo abrangente na busca de identificar o legado desses despertamentos e sua consequente contribuição para o pentecostalismo contemporâneo.

Palavras-chave: montanismo; pietismo; puritanismo; metodismo e pentecostalismo

INTRODUÇÃO

O Movimento Pentecostal tem analogia com o evento registrado no livro de Atos dos Apóstolos. Quarenta dias após a ressurreição (At 1.3), Cristo reuniu os seus discípulos no monte das Oliveiras (At. 1.12), antes de ser elevado aos céus, e determinou ao grupo que não se ausentassem de Jerusalém (At. 1.4), mas que esperassem o derramamento do Espírito Santo (At. 1.8). Em obediência, cerca de 120 discípulos (At. 1.15), permaneceram reunidos em oração no cenáculo por aproximadamente dez dias (At. 1.13,14). Ao cumprir-se o dia da Festa do Pentecostes, todos “foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas” (At. 2.4).

Atualmente, alguns cristãos são adeptos da Teoria Cessacionista. Segundo esta linha interpretativa o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais foram concedidos à Igreja

¹ Texto originalmente publicado em obra do autor *História das Assembleias de Deus: o grande movimento pentecostal*. Curitiba: Intersaberes, 2017. p. 17-35.

² Graduado em teologia, pedagogia e filosofia. Mestre em Ciências das Religiões. Doutorando em Educação pela UCB. Presidente do Conselho de Educação e Cultura da CGADB. Diretor Geral do Instituto Brasileiro de Teologia e Ciências Humanas (Ibtech). Pastor presidente da Assembleia de Deus de Missão no Distrito Federal.

somente para a era apostólica como um meio de autenticar a mensagem do evangelho e credenciar os apóstolos, conseqüentemente, sob este ponto de vista os dons espirituais cessaram no final do primeiro século. No entanto, como veremos, contrariando esta teoria, o batismo no Espírito Santo e o exercício dos dons espirituais encontram-se registrados nos relatos da história da Igreja após o período apostólico.

1. O Montanismo

O movimento denominado Montanismo surgiu em uma vila chamada Ardaba na região da Mísia na Frigia (Ásia Menor), no II século da Era Cristã (por volta do ano 170). Este movimento é muitas vezes negligenciado pelos historiadores do movimento pentecostal. A justificativa para esta negligência é simples. O Montanismo percorreu um caminho extremista, cometeu vários equívocos e seu fundador, Montano, foi considerado herético. Conforme a História Eclesiástica, o surgimento de novas heresias contra a Igreja “insinuaram-se como répteis venenosos na Ásia e na Frigia, alegando que Montano era o Paráclito, e que duas mulheres que o seguiam, Priscila e Maximila, eram profetisas de Montano”³. Montano ao se intitular porta-voz do Espírito Santo afirmava que sua missão era inaugurar a “Era do Paráclito” e com uma mensagem apocalíptica anunciava a volta iminente de Cristo.

1.1 Principais Ensinos de Montano

Alegando ter visões e amparado por supostas revelações das profetisas, o grupo exortava aos cristãos a santificação. Pregavam o jejum como meio de afligir a alma, a abstinência sexual para fugir da imoralidade e a disposição para o martírio para ser considerado digno de morrer por Cristo. De acordo com Roger Olson “Montano rejeitava a crescente fé na autoridade especial dos bispos (como herdeiros dos apóstolos) e dos escritos apostólicos. Considerava as Igrejas e seus líderes espiritualmente mortos e reivindicava uma “nova profecia” com todos os sinais e milagres dos dias da Igreja primitiva no Pentecostes”⁴.

Eusébio registra que Montano “tendo na alma excessivo desejo de assumir a liderança, dando ao adversário ocasião para atacá-lo. De modo que foi arrebatado no espírito, sendo

³ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 180.

⁴ OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 1999. p. 30.

levado a certo tipo de frenesi e êxtase irregular, delirando, falando e pronunciando coisas estranhas e proclamando que era contrário às instituições que prevaleciam na Igreja [...]” (Cesaréia, 1999, p. 182). Por esta postura radical, esses oráculos foram considerados espúrios e o êxtase e o balbuciar de línguas estranhas foram censurados e qualificados como de origem demoníaca.

1.2 O progresso do Movimento de Montano

Neste período, entre os cristãos da metade do século II, profetas itinerantes, aventureiros e carismáticos exerciam forte influência na vida da Igreja, em especial dos recém-conversos. Nos escritos da Didachê (Instruções dos Doze Apóstolos), continha orientações de como a Igreja devia lidar com estes profetas. No entanto, como Montano falava a linguagem do povo o movimento proliferou pelo Império: “desde o ano de 160, em muitas cidades do Império Romano, havia duas congregações cristãs distintas: uma seguia a liderança de um bispo na sucessão apostólica e outra seguia a Nova Profecia de Montano” (Olson, 2001, p. 31). Sob o aspecto organizacional talvez este tenha sido o primeiro cisma do cristianismo.

1.3 Morte e condenação de Montano

O temor dos líderes eclesiásticos com o crescimento e as reivindicações dos Montanistas provocou uma severa reação contra o movimento. Segundo Eusébio “depois que os fiéis reuniram-se várias vezes em muitos lugares em toda a Ásia com esse propósito e examinaram suas novas doutrinas e julgaram-nas vãs, rejeitando-as como heresia, foram de fato expulsos e afastado da comunhão com a Igreja” (Cesaréia, 199, p. 182). Como consequência imediata, a liderança da Igreja começou a associar com o Montanismo, o exercício dos dons espirituais como o falar em línguas, as profecias, os sinais e os milagres. Os excessos cometidos por Montano criaram uma forte barreira na Igreja e as manifestações espirituais foram desestimuladas de tal maneira que “quase se extinguíram sob a pressão de bispos temerosos” (Olson, 2001, p. 32).

1.4 O legado do Montanismo

Historicamente, o Montanismo é analisado sob quatro vertentes distintas. Na obra

“História das Heresias”, estes aspectos são apresentados da seguinte forma:

Primeiro como fenômeno nascido da superstição religiosa ou fruto do milenarismo asiático influenciado pelo Apocalipse. Segundo, como uma tentativa de retorno à Igreja das origens, de reforma da Igreja, de retorno ao estado de perfeição e pureza, como pretexto contra o episcopado monárquico urbano, que sufocava, cada vez mais, o dom de profecia, isto é, como movimento contra a Igreja organizada, sistematizada. Terceiro, pode-se vê-lo ainda como um movimento político religioso que nasceu e se radicava nas Igrejas das zonas rurais da Frigia contra as Igrejas urbanas, que se pavoneavam em torno de seus bispos. Em quarto e último lugar, como reação do conservadorismo das regiões rurais, contra a “modernização” das Igrejas urbanas, que se vão helenizando, enfraquecendo sua fisionomia original, carismática⁵.

Montano em seu propósito de santificar a Igreja, combater o episcopado monárquico e de reafirmar as doutrinas do Espírito Santo cometeu excessos. Colocou a autoridade das Escrituras em pé de igualdade com as profecias. Por isso, Olson considera que “sempre e onde quer que a profecia for elevada a uma posição igual, ou superior, às Escrituras, lá estará o Montanismo em ação” (Olson, 2001, 32). O aprendizado para ao cristianismo pode ser definido do seguinte modo:

O Montanismo representou o protesto perene suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus. Infelizmente, estes movimentos geralmente se afastam da Bíblia, entusiasmados que ficam pela reforma que desejam. O movimento montanista foi e é aviso que a Igreja não esqueça que a organização e a doutrina não podem ser separadas da satisfação do lado emocional da natureza do homem e do anseio humano por um contato espiritual imediato com Deus⁶.

Contudo, apesar da experiência fracassada do Montanismo, outros movimentos surgiram no seio da Igreja, especialmente após o século XVI com a eclosão da reforma protestante.

2. O Pietismo

Foi um movimento que esboçou reação contra a ortodoxia luterana alemã. O movimento surgiu nos séculos XVII e XVIII como uma renovação que pretendia completar a obra da Reforma iniciada por Lutero. “O pietismo reiterava o tema de que a reforma doutrinária iniciada por Lutero precisava ser consumada por uma nova reforma da vida”.

⁵ FRANGIOTTI, R. *História das heresias: séculos I-VII*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 59.

⁶ CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 83

(Olson, 2001, p. 485). Os teólogos alemães, após a morte de Lutero, começaram a sistematizar a ortodoxia luterana. Esta sistematização tornou-se excessivamente racional. A ortodoxia tornou-se árida e incluía o estudo da teologia natural, lógica aristotélica e detalhadas formulações doutrinárias:

O espírito escolástico [da ortodoxia luterana] estendeu uma mortalha de intelectualismo sobre a fé cristã. As pessoas tinham a impressão de que o cristianismo consistia no recebimento da Palavra salvífica de Deus pela pregação e pelos sacramentos, além da aderência leal às confissões luteranas. Dizia-se que, com poucas exceções, os Pastores evitavam qualquer ênfase à interioridade. (Olson, 2001, p. 488).

Os pietistas estavam insatisfeitos com esta ortodoxia que denominavam de “ortodoxia morta”. Ensinavam que o cristianismo requeria uma genuína transformação do homem interior e não apenas a observância dos sacramentos. Para eles não bastava à ortodoxia (a crença certa) eram igualmente necessários a ortopatía (os sentimentos certos) e a ortopraxia (o viver certo).

2.1 O Precursor e o Patriarca do Pietismo

O precursor do pietismo foi o Pastor luterano alemão Joham Arndt (1555-1621). Entre os anos 1606 e 1609, escreveu um livro considerado como a “Bíblia” do pietismo e que ficou conhecido como *Cristianismo verdadeiro*. Durante muito tempo esta obra, entre os alemães, foi a mais lida e a mais conhecida depois da Bíblia. Neste livro Arndt pregava a respeito da união com Cristo e a transformação que chamava de “vida nova”. Exortava acerca da necessidade da renovação pelo arrependimento e pela fé e a necessidade do novo nascimento: “O arrependimento genuíno acontece quando, de pesar e arrependimento, o coração se parte, é destruído, abatido e, pela fé e pelo perdão dos pecados, é santificado, consolado, purificado, transformado e melhorado, de tal maneira que a vida é melhorada” (Olson, 2001, p. 489).

A influência desta obra sobre o pietismo foi muito profunda. Arndt ensinava que o cristianismo verdadeiro devia ser evidenciado na vida prática das pessoas. Que o cristianismo devia ser percebido nas mudanças de atitudes, afeições e no modo de viver do cristão. Que o crente salvo não devia viver no formalismo limitado pelos dogmas, sacramentos e liturgias. Arndt não chegou a liderar nenhum movimento de reforma na Igreja luterana ou no protestantismo. Ele apenas escreveu um livro que mais tarde foi utilizado para fundamentar o movimento pietista.

O patriarca do pietismo foi o Pastor luterano alemão Philipp Jakob Spener (1635-1705). Nascido no século XVII em Rappoltsweiler na Alsácia (na época pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico) teve como madrinha uma mulher rica sustentou seus estudos. Quando jovem teve acesso à obra de Arndt o *Cristianismo verdadeiro*. Impactado pela leitura tornou-se o grande difusor da importância de renovação espiritual da Igreja.

Spener estudou teologia em Estrasburgo (Alemanha) e depois em Genebra (Suíça). Em 1664 doutorou-se em teologia. No ano de 1666 assumiu o Pastorado da Igreja luterana em Frankfurt (Alemanha). Descontente com os rumos do luteranismo alemão, Spener pregava uma reforma moral, rígida disciplina cristã e a necessidade de um cristianismo prático. Contrário à rígida ortodoxia luterana, o Pastor Spener passou a realizar reuniões religiosas nas casas induzindo os presentes a participarem da discussão bíblica. Em 1675 publicou a obra “Pia Desideria” (Desejos Piedosos). O título desta obra foi que originou o termo "pietistas". Na publicação, Spener apresenta diversos lembretes aos Ministros, dentre eles:

Lembre-mos de que, no juízo final, não seremos questionados [por Deus] se fomos eruditos e se demonstramos a nossa erudição ao mundo, se desfrutamos do favor dos homens e soubemos mantê-lo, se fomos exaltados e se tínhamos grande reputação no mundo que deixamos para trás ou se reunimos muitos tesouros em bens terrenos para os nossos filhos e com isso atraímos uma maldição contra nós. Pelo contrário, seremos questionados se fomos fiéis, se ensinamos coisas puras e piedosas e demos exemplo digno, procurando edificar os nossos ouvintes em meio ao desprezo do mundo, se fomos abnegados, carregando a cruz e seguindo o nosso Salvador, se fomos zelosos ao nos opor não somente ao erro, mas também à iniquidade da vida ou se fomos constantes e dispostos a suportar a perseguição e a adversidade lançadas sobre nós pelo mundo manifestamente ímpio e pelos falsos irmãos e se, em meio a esses sofrimentos, louvamos ao nosso Deus. (Olson, 2001, p. 492).

Spener em seus sermões atacava e reprovava os erros cometidos pelas autoridades constituídas tanto as civis quanto as eclesiásticas. Atacava os pecados imorais e a prática da luxúria e a falta de testemunho cristão (inclusive entre os Pastores). Denunciava o formalismo e o cristianismo nominal, discordava da doutrina de eficácia automática do batismo e condenava a falta de crença na iluminação divina do Espírito Santo. Na publicação “Pia Desideria”, Spener fez seis propostas para a restauração e correção da Igreja, que podem ser assim resumidas: a) A palavra de Deus deve ser ensinada de forma mais extensiva; b) Reintrodução do modelo apostólico de culto na Igreja; c) O cristianismo consiste em prática de vida; d) Colocar a apologia a serviço da glória de Deus; e) Reforma do Estudo Teológico; e f) Pregação como instrumento missionário/Pastoral. Olson registra que ao concluir a “Pia Desideria”, Spener esclarece a fundamentação do pietismo como sendo: a doutrina do *homem*

interior ou do *novo homem*:

Não basta escutarmos a Palavra apenas com os ouvidos, pois devemos deixá-la penetrar em nossos corações, para que com ele possamos escutar a voz do Espírito Santo, ou seja, com grande emoção e conforto sentir a confirmação do Espírito e o poder da Palavra. Nem basta sermos batizados, mas o homem interior, que revestimos de Cristo no batismo, deve também se revestir de Cristo e dar testemunho dele na vida exterior. (Olson, 2001, p. 493).

Como era de se esperar, o movimento pietista despertou severas críticas por parte da ortodoxia luterana. Foram denunciados como criadores de uma “nova religião” e que estavam torcendo o cristianismo. Spener foi expulso de Frankfurt. Em 1686 foi instituído como Capelão da corte do príncipe da Saxônia. Porém, pelo seu fervor pietista angariou antipatia do príncipe. Em 1691, tornou-se Pastor em Berlim. Spener morreu em 1705 e, “a seu pedido foi sepultado com vestes brancas em um caixão branco, como símbolo da esperança em seu futuro no céu e no futuro da cristandade” (Olson, 2001, p. 493).

2.2 Principais temas do Pietismo

O movimento pietista em favor da renovação espiritual da Igreja acabou provocando mudanças na teologia. Antes, a teologia focalizava o que Deus *faz* pelas pessoas, e depois no pietismo, o enfoque passou a ser o que Deus realiza *dentro* das pessoas. A preocupação anterior era com o batismo e a preocupação agora é com a conversão.

Deste modo, o primeiro marco do pietismo é um cristianismo de experiência. Não basta batizar-se para cumprir o sacramento é necessário experimentar o novo nascimento e a regeneração. O segundo marco do pietismo é um cristianismo tolerante. Os pietistas desaprovavam as exageradas polêmicas da teologia luterana que se preocupava em desconstruir as outras teologias. O terceiro marco do pietismo é um cristianismo visível. Os pietistas acreditavam que o autêntico cristão deveria revelar sua genuína conversão e comunhão com Deus por meio de atitudes, comportamentos, ações e conduta ílibada. O quarto e último marco do pietismo é um cristianismo ativo. Os pietistas demonstravam interesse sincero na transformação do mundo e por isso estimulavam o evangelismo e os trabalhos missionários.

2.3 O legado do pietismo

O pietismo surgiu entre os luteranos alemães com a proposta de restaurar a Igreja

alemã da ortodoxia formalista. “O pietismo ressaltava a experiência religiosa pessoal, especialmente o arrependimento (a experiência da própria indignidade diante de Deus e da necessidade da graça) e a santificação (a experiência do crescimento pessoal na santidade, que envolve o progresso até o cumprimento completo ou perfeito da intenção de Deus)” (Campbell, 1991 apud Olson, 2001, p. 486). A faculdade de teologia da Universidade em Leipzig afirmava ter encontrado 600 erros teológicos dos pietistas. Porém, nada pode deter o avanço do Pietismo.

De fato, a influência do pietismo ultrapassou os limites do luteranismo, alcançou a Europa e especialmente a América do Norte. As denominações protestantes na América do Norte foram impactadas pelo pietismo. O movimento influenciou a vida e a teologia de John Wesley e do Metodismo, e, também serviu de base para várias Igrejas independentes. “Os grupos de reavivamento, incluindo os pentecostais e Igrejas de santidade, como os nazarenos e as Assembleias de Deus, podem ser vistos como extensões radicais do pietismo cristão” (Olson, 2001, p. 503).

3. Os Puritanos e o Metodismo

O puritanismo começou no século XVI com o propósito de “purificar” a Igreja Anglicana da Inglaterra. As ideias defendidas eram pela libertação da Igreja de práticas consideradas católicas romanas. Entre as reivindicações estavam o desejo de abolir o cargo de bispo, a supressão de uso das vestimentas sacerdotais, a proibição de uso do incenso, a retirada dos altares-mores e as imagens. Opunham-se ao sinal da cruz e a presença de padrinhos no batismo. Aspiravam também à observância do domingo e um culto sem pompa, mais simples, espiritualizado e centrado na pregação da Palavra.

Tornaram-se conhecidos como “separatistas” ou “não separatistas”. Os separatistas acreditavam que a corrupção da Igreja Anglicana estava muito arraigada e que não era passível de solução e por isso saíram da Igreja oficial e fundaram Igrejas livres. Os não separatistas acreditavam ser possível as mudanças e, portanto, permaneceram na Igreja oficial na esperança de restaurá-la por dentro. Um dos ramos do puritanismo deu origem ao movimento batista.

3.1 Principais elementos da ética Puritana

A ética puritana era contrária a toda forma de mundanismo, manipulação política e diversões tipicamente mundanas. Por causa desta ênfase foram diversas vezes acusados de legalistas. No entanto, transformar o puritanismo numa caricatura de legalismo, rigidez moral e intolerância religiosa são demonstrações de total desconhecimento do movimento puritano. Sua teologia, desenvolvida pelo seu maior expoente, era uma mescla de calvinismo e pietismo: “Nenhum teólogo na história do cristianismo sustentou um conceito mais elevado ou enfático da majestade, da soberania, da glória e do poder de Deus do que Jonathan Edwards - precursor do puritanismo” (Olson, 2001, p. 518).

Um dos grandes clássicos da ética puritana é *O Peregrino*, de João Bunyan. Na obra são retratadas que a peregrinação e o conflito são realidades inerentes à vida cristã e que devem ser enfrentados com devoção e disciplina. Os puritanos ensinavam que o pecado pode ser sufocado e a pobreza afastada quando o homem ocupa a mente no trabalho. O domingo era reservado para a adoração e nele não se podia trabalhar. O culto doméstico era enfatizado e a responsabilidade recaía sobre o pai de família. O estudo diário das Escrituras era estimulado e observado como disciplina cristã. A prática egoísta não era tolerada e todos eram chamados a ter uma vida de responsabilidades. A Igreja local era o centro da vida e das atividades comunitárias⁷.

3.2 A origem do movimento Metodista

O movimento puritano não logrou êxito em reformar a Igreja Anglicana na Inglaterra. A história do puritanismo tomou cerca de dois séculos. Após o *grande despertar* das décadas de 1730 e 1740 o movimento enfraqueceu. Muitos puritanos emigraram para a América do Norte. Os que permaneceram na Inglaterra acabaram por dividir-se em diversas denominações congregacional, presbiteriana e batista. A Igreja Anglicana permaneceu formal e racionalista: “Era igual à condição da Igreja em Sardo: um nome para viver, mas morta. O povo estava embrutecido, os ministros da Igreja Anglicana não cumpriam seus deveres, e muitos gastavam seu tempo caçando e jogando, e alguns eram bêbados. As denominações eram espiritualmente mortas e sem poder, e a maior parte caiu em heresia”⁸

⁷ CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 5, p. 514

⁸ KNIGHT, A.; ANGLIN, W. *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 312.

Diante desta realidade caótica, sem a influência puritana, a Igreja Anglicana distanciou-se da espiritualidade. Neste contexto surge John Wesley que “estava decidido a reavivar o espírito evangélico da Igreja da Inglaterra, mas sem impor a teologia reformada às pessoas. Pelo contrário, sua teologia era o que Sell chama de ‘arminianismo do coração’, um arminianismo combinado com o pietismo que ardia com o fogo do coração”. (Olson, 2001, p. 522).

3.3 Principais doutrinas Metodistas

A teologia de Wesley era arminiana e se assemelhava a teologia dos pietistas alemães. Ele pregava a conversão e enfatizava a necessidade da experiência e de uma vida santificada. O método teológico pode ser resumido no quadrilátero: as Escrituras, a razão, a tradição e a experiência. A Escritura era a autoridade suprema, sendo que a razão, a tradição e a experiência deviam passar pelo crivo das Escrituras. Quando os púlpitos das Igrejas Anglicanas lhes foram negado, Wesley e seus companheiros começaram a pregar ao ar livre. Passaram então a ser perseguidos pela Igreja oficial e as pregações ao ar livre foram consideradas uma extravagância (Knight, 2004, p. 313).

John Wesley ensinava sobre a existência de uma segunda obra da graça subsequente a salvação, e que ele entendia ser uma santificação plena. Segundo Araujo⁹ um dos principais teólogos metodistas, John Fletcher (1729-1785), foi o primeiro a usar o termo “batismo no Espírito Santo”, para descrever este processo de santificação pregado por Wesley. O ensino enfatizava as mudanças espirituais ocasionadas pelo “novo nascimento” no estilo de vida do cristão e estimulava as atividades de socorro, solidariedade e reforma social.

3.4 Os legados do puritanismo e do metodismo

Os dois movimentos, embora iniciados na Inglaterra, tiveram maior impacto na América do Norte e a partir dos americanos no restante do mundo. Tanto os puritanos como os metodistas desejaram reavivar a Igreja Anglicana. Edwards e Wesley estiveram comprometidos com a ortodoxia cristã e resistiram ao racionalismo anglicano. No entanto, ambos os movimentos acabaram por afastar-se da Igreja oficial. A teologia britânica, mesmo

⁹ ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 587.

com toda a resistência oferecida aos movimentos, também acabou influenciada por eles: “A diferença produzida pela revivificação, dizem alguns historiadores, evitou a repetição na Inglaterra do desastre que se deu na França chamada o *Reinado de Terror*” (Knight, 2004, p. 312, grifo do original).

Acerca da contribuição destes movimentos para o protestantismo pode ser considerado: “o cristianismo evangélico contemporâneo nos Estados Unidos e os movimentos que se originaram dele [...] O segundo legado deixado por Edwards e Wesley ao evangelicalismo contemporâneo é a ‘ortodoxia ardente’ [...] a experiência transformadora com Deus é o que torna uma pessoa verdadeiramente cristã” (Olson, 2001, p. 528-529).

CONCLUSÃO

Começando na festa do pentecostes no livro de Atos, passando pelo movimento de Montano, seguindo pelo pietismo, puritanismo e metodismo o pentecostalismo toma forma e se fortalece na América do Norte. A partir de 1776, por influência em especial dos metodistas que eram arminianos, surgiram avivamentos diversos e o fenômeno foi descrito como “arminianização da América” ou ainda de o “Século Metodista”. Por fim, o metodismo do século XVIII vai dar origem ao “*Holiness Movement*” (Movimento da Santidade) do século XIX, considerado berço do pentecostalismo nos EUA de onde vai eclodir o pentecostes contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CESARÉIA, Eusébio de. *História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2002.

FRANGIOTTI, R. *História das heresias: séculos I-VII*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao*

século XX. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

O
L
S
O
N
,

R
.

H
i
s
t
ó
r
i
a

d
a

t
e
o
l
o
g
i
a

c
r
i